

Vicissitudes subjetivas inerentes ao processo das entrevistas preliminares

Émerson Loureiro

A questão da função das entrevistas preliminares é sempre pertinente quando se inicia uma análise. Que objetivos temos quando usamos tal artifício teórico? Para que comece uma análise, não basta o encontro entre analista e analisante.

Sempre que iniciamos uma análise nos vemos obrigados a pensar a situação analítica inicial (entrevistas preliminares) e a análise propriamente dita (tempo de abertura do inconsciente). Mas no que consistem as chamadas entrevistas preliminares, e como elas podem ser determinantes para o desenvolvimento da análise?

Tanto durante este período inicial de entrevistas como na análise propriamente dita existe apenas uma regra fundamental: a associação livre. Eis, portanto, a

única regra da psicanálise. Como diz Quinet, “as entrevistas preliminares têm a mesma estrutura da análise, mas são distintas desta.”¹

O posicionamento do analista está intimamente vinculado à escuta que faz durante as entrevistas preliminares. As primeiras hipóteses diagnósticas são desenvolvidas e pensadas no decorrer desse período, justifi-

Émerson Loureiro é psicólogo clínico formado pela Unesp Assis-SP. É psicólogo do Departamento de Saúde do Município de Porto Ferreira, São Paulo, e atende, também, em seu consultório.

cando assim um posicionamento diferenciado para os tipos clínicos da neurose, psicose e perversão. Então, aqui estamos diante de uma primeira função das entrevistas preliminares: a função diagnóstica. Mas não é apenas uma questão técnica que justifica sua existência. Marie-Hélène Brousse, em seu artigo intitulado “O destino do sintoma” comenta o pensamento de Lacan acerca das funções das entrevistas preliminares:

“Mas, ao afirmar ainda, em 1971: não há entrada possível na psicanálise sem entrevistas preliminares, ele (Lacan) vai mais longe e não remete somente as considerações técnicas ou a uma invocação elementar à prudência terapêutica: ele visa a estrutura mesma do dispositivo analítico no aparecimento de uma demanda que seja uma demanda de análise.”²

Cabe ao analista introduzir a questão do desejo ao sujeito. Aqui, estamos diante de uma segunda função das entrevistas preliminares: introduzir a questão do desejo ao sujeito, isto é, possibilitar uma retificação subjetiva.³

Lacan, ao elucidar a retificação subjetiva como um movimento necessário à entrada em análise, vai contra outros autores de sua época, que apostavam em uma análise baseada na relação com a realidade. A retificação subjetiva nada mais é que uma mudança de posicionamento do sujeito frente a sua demanda, introduzindo a causalidade da neurose e promovendo a responsabilização do sujeito. Podemos dizer que a retificação subjetiva abala o saber do mestre, isto é, um saber encarnado em uma pessoa.

A posição do analista, de não-resposta à demanda que lhe é endereçada (suposto saber), faz com que as questões voltem, remetidas ao próprio sujeito.⁴ É justamente durante esse primeiro tempo da análise que o analisando realiza uma retificação subjetiva, mudança esta

que lhe permitirá se questionar sobre seu sintoma.

Há ainda uma terceira função das entrevistas preliminares, que é tão primordial para a entrada em análise quanto as outras duas já expostas: o estabelecimento de uma relação transferencial com o analista.

A colocação do analista como sujeito suposto saber no início da relação transferencial é um movimento esperado. Este primeiro tempo da transferência é o que Dominique Miller, em seu artigo intitulado “As três transferências”, denominou transferência anônima.⁵

Dominique Miller diz que a transferência anônima em nada é analítica, e a compara com a relação entre doente e médico, do paciente com o psicoterapeuta, do estudante com o professor. Entretanto, deixa claro que este é um primeiro momento necessário à entrada em análise. É preciso que o analisando, primeiramente, coloque o analista na posição de mestre, para

que posteriormente o destitua deste lugar. Isso se explica facilmente se entendermos que para que uma relação possa ser dita “analítica” é necessário que haja um saber em jogo. Se nem mesmo um saber de mestre estiver em jogo, como podemos imaginar uma retificação subjetiva?

É, portanto, a relação com o mestre, o suposto detentor da verdade, aquele de quem se espera uma resposta definitiva, o que claramente define o conceito de transferência anônima. O que fazer com esta posição inicial em que o analista é colocado, é uma questão a ser pensada de acordo com a hipótese diagnóstica inicial. No caso de uma hipótese de neurose, por exemplo, o posicionamento de não-resposta à demanda durante as entrevistas preliminares possibilitará ao analista ocupar um lugar totalmente novo, o de causa de desejo, ou semblante de objeto *a*.

A retificação subjetiva
nada mais é que uma mudança
de posicionamento
do sujeito frente
a sua demanda,
introduzindo
a causalidade da neurose
e promovendo
a responsabilização
do sujeito.

A definição de objeto *a*, por si só, é merecedora de um capítulo à parte. Por ora fiquemos com a noção de que é um objeto fora da cadeia significante, mas que, contudo, a orienta. É o objeto causa-de-desejo, excedente e heterogêneo à rede do conjunto significante.

Veremos a seguir um caso que demonstra o estabelecimento da relação transferencial e de uma reificação subjetiva.⁶

Que tem meu filho, doutor?

Dona Maria, uma mulher de 37 anos, casada há 17 anos e com três filhos, me é encaminhada pela terapeuta de seu segundo filho, Mateus, para atendimento individual. Na primeira entrevista e no decorrer das primeiras semanas, Dona Maria mostra-se muito à vontade, relatando principalmente os problemas do filho Mateus e questionando-me sobre minhas opiniões acerca de seu filho. Com o passar do tempo, meu posicionamento de não responder a estas questões vai gerando uma certa angústia que beira a passagem ao ato de um abandono da terapia. Quando pergunto a ela por que procurou análise, ela me responde de imediato que é por seu filho. E diz claramente que só está ali porque a terapeuta do Mateus teria lhe dito que eu poderia saber o que ele tem.⁷

A respeito de seu marido, tudo o que ela tem a dizer é que é um alcoólatra. Ele não tem muita importância, me diz ela. Seus outros filhos, uma menina mais velha e um menino mais novo que Mateus, são citados rapidamente e não ganham muita importância no seu discurso.

Quando peço que me conte sobre sua vida, o que ela narra são os problemas que enfrenta desde que Mateus nasceu. Desde que se casara, Dona Maria sempre quisera ter um filho homem. Como seu primeiro filho na verdade fora uma filha, ela disse ter tido uma segunda

Quando peço
que me conte sobre
sua vida, o que ela
narra são os problemas
que enfrenta desde
que Mateus nasceu.
Desde que se casara,
Dona Maria sempre
quisera ter um
filho homem.

gravidez, muito conturbada com brigas conjugais e receio de que outra filha estivesse por vir. Acredita que o filho tenha nascido surdo, ou como ela mesma diz “com uma carne esponjosa no ouvido a qual com certeza não o deixava escutar”. O detalhe curioso do relato é que Dona Maria diz ter percebido esta surdez somente quando Mateus já estava com seis anos de idade. Esta idade vai variar no decorrer das entrevistas. Muitas vezes, fazendo este mesmo relato, a idade de Mateus vai variar de dois a sete anos. Dona Maria diz ainda levar constantemente Mateus ao médico, pois acredita que ele continue tendo dificuldades de audição, mesmo recebendo como resposta médica uma negativa em relação à suposta surdez de seu filho.

Em outro relato Dona Maria me diz que seu filho nasceu sem os testículos no lugar certo. Esse fato, ela também diz ter percebido somente quando Mateus já tinha mais de três

anos.⁸ Ela me diz que os testículos de seu filho “não desceram”, e que foi preciso fazer uma cirurgia para que eles viessem ao lugar correto. Segundo o relato de Dona Maria, a operação teria tido um êxito parcial, pois somente um testículo teria voltado ao lugar, enquanto o outro desceria em breve, naturalmente. Completando o relato, Dona Maria diz acreditar que àquela altura o outro testículo já tenha vindo ao lugar. Outro detalhe que não pode passar despercebido aqui é o fato de esta mulher dar banhos diários no filho, que na época se encontrava com dez anos, e ainda assim não saber se os testículos já estavam no lugar. Ela diz que “só quando os testículos estiverem no lugar o Mateus vai virar um homenzinho”.

Neste momento das entrevistas, ficou clara para mim a posição de objeto de completude que Mateus encarnava para Dona Maria. Ela se lamentava da exagerada dependência do filho, que dela precisa para

tudo, ou, como ela mesma dizia, “se eu não existisse, ele não sobreviveria. Eu sou tudo pra ele”. Mas muito mais do que uma simples lamentação, pareceu-me estarmos na dimensão do gozo propriamente dito. Um gozo de uma suposta completude.⁹

É necessário aqui fazermos uma distinção radical entre os conceitos de prazer e gozo. O gozo é pura ação, com completa ausência de significante que possa vir a representá-lo ou nomeá-lo. É algo fora, além do princípio do prazer. Parafraseando Nasio, “quando o gozo domina, as palavras desaparecem e prima a ação”.¹⁰

Para elucidarmos melhor a questão, tomemos uma passagem do livro *A Histeria*, no qual Nasio expõe a questão do eu insatisfeito na histeria:

“Formulemos isso com clareza: o histérico, como qualquer sujeito neurótico, é aquele que, sem ter conhecimento disso, impõe na

relação afetiva com o outro a lógica doentia de sua fantasia inconsciente. Uma fantasia em que ele desempenha o papel de uma vítima infeliz e constantemente insatisfeita. É precisamente esse estado fantasístico de insatisfação que marca e domina toda a vida do neurótico.”¹¹

As fantasias desenvolvidas acerca da dependência do filho, em que Dona Maria se colocava como necessária à existência dele, além de fatores como a incoerência do discurso na relação temporal e a constante lamentação, me deram condições de considerar como hipótese inicial uma estrutura neurótica, e mais precisamente histérica. Neste ponto, então, uma das funções das entrevistas preliminares fora concluída: uma hipótese diagnóstica inicial estava formulada.

Posta esta hipótese, meu posicionamento frente à demanda pôde ser melhor colocado, possibilitando agora que as respostas dadas por

Dona Maria como explicação de seus problemas voltassem agora sob a forma de questões. Questões estas que a embaraçavam e a deixavam desconcertada.¹²

Quando volta a falar sobre o marido, depois de chamá-lo de alcoólatra, ela me diz que “não sabe porque se casou com ele”. Faço eco a esta frase perguntando a ela “porque então se casou com ele?” Depois de um pequeno período de silêncio¹³, Dona Maria começa a contar como conhecera seu marido. Ele era um homem muito insistente, dizia ela, e que sempre a perseguia, dizendo querer namorá-la. Dona Maria diz que na época sabia que seu marido tinha mais umas sete namoradas, mas que ela não aceitava isso, e por isso tinha terminado o namoro. Mas, como ele “tinha ficado muito mal pelo fim do namoro”, ela aceitou voltar à relação, mas com uma condição: que se casassem. E essa condição foi aceita.

Aos poucos Mateus vai perdendo espaço no discurso de Dona Maria, e começa a voltar seu olhar para sua própria vida. Questões sobre sua vida conjugal começam a aparecer, e em um determinado momento ela me coloca pela primeira vez uma frase que tomei como o início de uma retificação subjetiva capaz de dar início a uma análise: “eu acho que eu tenho um pouco de culpa pelo Mateus ser assim.”

Analisemos bem este momento preciso. Dona Maria, que até aquele momento não questionava sua culpa em relação aos problemas do seu filho, se apercebe de uma culpa que abala sua fantasia de onipotência. Será mesmo que ela é indispensável à vida de seu filho? Esta questão permeia agora a sua vida. Neste ponto então temos concluído a segunda função das entrevistas preliminares: uma retificação subjetiva e a entrada no discurso da questão do desejo.

Este é um momento delicado, caracterizado por um corte na cadeia metonímica do discurso, con-

“Formulemos isso com clareza: o histérico, como qualquer sujeito neurótico, é aquele que – sem ter conhecimento disso – impõe na relação afetiva com o outro a lógica doentia de sua fantasia inconsciente”.
(Juan Nasio)

comitante à imersão da cadeia metafórica, onde a palavra ganha o estatuto de significante. Passa-se do dito ao dizer, determinando assim uma responsabilização do sujeito. Entendamos com mais precisão esse momento: até então as palavras proferidas por Dona Maria não a implicavam em sua neurose. É como se essas palavras lhes fossem estranhas e alheias. Com o estabelecimento da transferência, as pontuações sobre sua fala começaram a fazê-la escutar o que dizia, e não mais ouvir. Escutar é abrir espaço para novas significações, e portanto passar da palavra dita (por outros) ao dizer (pelo eu).

Juntamente com esta mudança subjetiva, vemos surgir o início de uma relação transferencial. Ao falar, ao questionar-se, Dona Maria não esperava mais uma resposta. Não uma resposta minha, pelo menos. Não fora como das primeiras vezes, em que minha resposta era aguardada. Ela questionava, sim, mas não a mim como outro, o outro da semelhança, mas sim como grande Outro, semblante de objeto *a*.

Posto isto, é chegado ao fim o tempo das entrevistas preliminares. Dona Maria é convidada a se deitar no divã, o que aceita prontamente, apesar de dizer que “nunca se deitou com outro homem”. Novamente, não podemos deixar passar despercebida esta questão do deitar-se com outro homem. Como veremos mais adiante, o discurso dessa mulher vai ser sempre permeado pela questão da traição conjugal.

Meu pai e meu marido são grudados

Com o início da análise propriamente dita, adentremos agora o segundo tempo da transferência: a transferência de significação. Este tempo “se demarca nos efeitos de significação que fazem para o analisando uma revelação.”¹⁴ Esse momento em que o analisando se con-

fronta com sua falta-a-ser é um momento de surpresa, pois uma questão até então não formulada se impõe a ele.

Dona Maria começa a relembrar sua infância. Ela narra que seu pai era alcoólatra, e que constantemente traía a mãe, cuja saúde era debilitada. Ela conta que “dedurava” para sua mãe as traições do pai, e que por este motivo o pai não gostava dela. Quando questiono este gostar, o que ela diz é que não gostava tanto dela como dos outros filhos, mas, a sua maneira, “ainda era um bom pai.”

Quando, na análise, surge a questão “o que é ser pai”, o processo analítico dá um passo muito importante. Dona Maria começa agora a questionar “onde estivera o marido durante tanto tempo? Por que ele não foi pai para seus filhos? Por que somente ela tinha que cuidar do Mateus?”

Um significante agora vai tomar um lugar especial no discurso desta mulher: *pescar*. Dona Maria começa a questionar as idas constantes do marido a pescarias: “ele vai pescar muito! Não sei se ele vai só pescar! Pode pescar, mas volta pra casa”. As associações vão insistindo no significante *pescar*, até que num momento muito preciso, em forma de chiste, Dona Maria conclui que seu marido vai pescar peixe sim, mas não qualquer peixe, “acho que ele vai pescar é piranha”. E não concluí só isso. Completa seu raciocínio, dizendo: “é impressionante como meu marido e meu pai são parecidos. Parece até que são grudados.”

Dona Maria começa a relatar que não consegue mais sair com seu marido porque ele, quando está com os amigos, insiste em relembrar os tempos em que era solteiro e namorava muitas mulheres ao mesmo tempo. E, completando a narrativa, ela diz que “o passado, a gente deixa pra trás, agora que ele é casado ele tem que pensar só na família dele.”

Dona Maria
começa agora
a questionar
“onde estivera o
marido durante
tanto tempo?
Por que ele não
foi pai para seus
filhos? Por que
somente ela tinha
que cuidar
do Mateus?”

Como era de se esperar, Mateus começa a se mostrar mais independente. A partir do momento em que o amor de completude de sua mãe abalou-se, o menino operou uma mudança de comportamento. Sua mãe não olhava mais exclusivamente para ele. E essa questão vai aparecer no discurso de dona Maria da seguinte maneira: “O Mateus está melhorando muito. Ele começou a fazer as coisas sozinho. Ele disse que quer ser caminhoneiro”. O significante “caminhoneiro” leva Dona Maria a associações como “independente” e “dono de seu destino”.

É claro que não vamos ser inocentes de achar que as coisas ocorrem tranqüila e linearmente. Em um determinado momento da análise, essa independência do filho vai ser angustiante para Dona Maria. Essa angústia se expressa por meio de queixas sobre as desobediências do filho: “ele parece que não me respeita mais”.

A questão do desrespeito do filho é colocada da seguinte maneira: “ele não me pede mais as coisas. Tá fazendo tudo sozinho”. Podemos notar que esta relação com a desobediência é muito mais uma angústia de Dona Maria, que, num momento preciso, se apercebe que seu filho pode não depender mais dela. Para uma pessoa que até então se via na posição de completude, é extremamente angustiante vislumbrar uma nova possibilidade de existência. Posto isto, era de se esperar que Dona Maria fizesse movimentos não lineares no percurso da análise. Ora a análise flui facilmente, ora a análise empaca nesta angústia.

Dona Maria começa a se questionar sobre sua conduta diante dos filhos: “Eu sou as duas pessoas, o pai e a mãe. Mas eu não quero mais ser. Eu estou cansada de ter que ser tudo para o Mateus.”

Podemos perceber que, como é comum nestes casos, tanto Dona Maria não deixava o pai intervir nesta relação incestuosa com Mateus, como o pai se mostrava totalmente fraco e impotente para tal feito. A solução desenvolvida por Dona Maria surge então: “vou pedir para o Marcelo me ajudar a desgrudar o Mateus um pouco de mim”. Marcelo é o irmão mais novo de Mateus, o qual, contrariamente ao irmão mais velho, se mostra completamente independente do desejo materno. Isso, justifica Dona Maria, é “porque o pai do Mateus não existe como pai nem como marido”.

Pontuações acerca do atendimento

Como já foi explicitado, o texto segue muito mais uma ordem lógica do que cronológica. Os acontecimentos nem sempre são lineares como parecem ser. No decorrer do processo analítico, alguns inconvenientes foram potencializadores da dificuldade de estabelecimento de uma relação transferencial mais

sólida. Entre eles, destaco o fato de ter havido duas semanas, durante o mês de julho, sem atendimento. Na retomada dos atendimentos, foi preciso fazer o que considero um esboço de entrevista preliminar para recolocar a questão do sujeito na problemática da análise. Dona Maria sinalizou uma desistência da análise, alegando uma melhora plena em sua vida, além de gastar algumas sessões com elogios a minha pessoa. Com uma escuta atenta, não pude deixar de notar que estes elogios eram muito mais uma fuga do confronto com que esta mulher se deparou quando a análise começou a permitir uma emergência do sujeito do inconsciente, do que uma melhora verdadeira. No entanto, bastou um reposicionamento meu para que a análise recomeçasse.

É importante frisar que os atendimentos eram realizados duas vezes por semana, no mesmo horário em que Mateus recebia atendimento em psicopedagogia.¹⁵ Isso foi um

fator quase que determinante para a entrada em análise dessa paciente. Como ela bem explicitou, se não fosse por seu filho, ela não teria motivo para vir à análise. É claro que esse é apenas um primeiro momento da relação transferencial. Não podemos imaginar uma relação analítica que se baseie nas “dificuldades” de um filho. Mais tarde, no final dessa curta seqüência de atendimento, Dona Maria chegou a dizer que preferiria que nossos atendimentos fossem em horários diferentes dos atendimentos de seu filho. Isso não se realizou porque, apesar de manifestar esse desejo, Dona Maria continuava a dizer que ninguém poderia trazer Mateus no lugar dela, o que é bem coerente do ponto de vista da problemática desta mulher.

A análise foi interrompida, durante três semanas, devido ao falecimento da mãe de Dona Maria. Durante este episódio, Dona Maria dizia estar surda, e que por este motivo

Em um determinado momento da análise, essa independência do filho vai ser angustiante para Dona Maria. Essa angústia se expressa por meio de queixas sobre as desobediências do filho: “ele parece que não me respeita mais”.

não viria à terapia nem traria Mateus. Isso demonstra bem que a relação transferencial com o terapeuta era uma linha tênue, capaz de se romper com uma certa facilidade.

Após uma elaboração preliminar do luto, Dona Maria pôde voltar a análise. Sua surdez, claramente histérica, foi alvo de questionamentos próprios em que ela tentava relacionar o fato da surdez com a importância de sua mãe em sua vida.¹⁶ Com um trabalho de refle-

dimento psicanalítico simplesmente colocar o analista no lugar de outro objeto. Sabemos que esta é uma condição inicial necessária, mas apenas como manejo psicanalítico. Se objetivássemos apenas isso, seria apenas uma substituição de objetos. Mas esse passo dado caminha na direção de uma efetivação mais sólida de uma relação transferencial capaz de colocar essa mulher em um lugar totalmente novo em suas relações com o mundo.

propriamente dita, isto é, a passagem da transferência anônima para a transferência de significação, além de demonstrar bem as funções das entrevistas preliminares. Pudemos perceber uma mudança subjetiva capaz de confrontar o sujeito com seu desejo, e mais precisamente com seu gozo. ■

NOTAS

1. A. Quinet, *As 4+1 Condições da análise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p. 14.
2. M. H. Brousse, "O Destino do Sintoma", in: *Clínica Lacaniana – Casos Clínicos do Campo Freudiano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, p. 69.
3. A. Quinet, *op. cit.*, p. 32.
4. Cabe destacar que este posicionamento do analista é esperado em casos de hipótese diagnóstica de constituição por recalçamento, como veremos mais adiante.
5. D. Miller, "As Três Transferências", in: *Clínica Lacaniana – Casos Clínicos do Campo Freudiano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, p. 44.
6. O caso que trataremos foi atendido de maio a dezembro de 2002 no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Unesp de Assis-SP, sob supervisão do professor Dr. Abílio da Costa Rosa.
7. É claro que, conhecendo a terapeuta de seu filho, tenho sérios motivos para duvidar que este encaminhamento tenha sido feito desta maneira, mas podemos evidenciar claramente neste momento a relação com um saber encarnado, isto é, com o mestre.
8. Novamente a idade varia no discurso dessa mulher, mostrando uma incerteza em relação à data precisa dessa descoberta.
9. É importante pontuarmos uma questão pertinente: não estamos diante de uma mãe que alguns autores nomeariam como mãe esquizofrenogênica. Esta mulher, apesar de se comportar como tal, se angustia com esta posição de unificada com o filho, o que comumente não ocorre nos casos das chamadas "mães esquizofrenogênicas", que passariam toda a vida sem se aperceber das dificuldades do filho.
10. J. D. Nasio, *Cinco Lições Sobre a Teoria de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, p. 42.
11. J. D. Nasio, *A Histeria*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992, p. 69.
12. Não podemos deixar de notar que a lógica da psicanálise funciona de um modo bem específico. Em um primeiro tempo temos as respostas, e só em um segundo tempo, com uma mudança subjetiva, temos as questões. Questões estas únicas capazes de fazer emergir o sujeito do inconsciente.
13. Pela primeira vez Dona Maria silencia seu discurso, que sempre fora cheio e rápido. Isso denota que minhas colocações começavam a ganhar um estatuto diferenciado.
14. D. Miller, *op. cit.*, p. 48.
15. O atendimento de Mateus em psicoterapia também acontecia nos mesmos dias, só que em horários anteriores aos do meu atendimento com Dona Maria.
16. Apesar de Dona Maria não ter explicitado isto, não há como não fazermos uma relação entre a surdez imaginária de Mateus e a surdez de sua mãe. Esta mulher pareceria estar presa em duas relações parecidas: com sua mãe, e com seu filho. A surdez surge em contextos precisos, que impossibilitam a escuta de uma separação. Este significante é muito particular na vida desta paciente.

Com um trabalho de reflexão,
Dona Maria explicita
que o que mais vai sentir
falta com a morte
da mãe é de alguém com quem
possa falar, desabafar,
e mais precisamente, ela me diz,
"alguém que me escute".

xão, Dona Maria explicita que o que mais vai sentir falta com a morte da mãe é de alguém com quem ela possa falar, desabafar, e mais precisamente, ela me diz, "alguém que me escute". Com esta frase, fica clara a relação da surdez inicial com a morte da mãe: ela perdera aquela pessoa que a escutava. Logo após esta conclusão, Dona Maria completa a seu pensamento dizendo que talvez ela possa falar a mim também.

A morte da mãe abriu a possibilidade de mais alguém entrar na história particular desta mulher. É claro que não é objetivo de um aten-

Após algumas sessões, Dona Maria decide que já é hora de aceitar a morte da mãe, por mais que isso doa. Ela então diz, pela primeira vez: "vamos falar do que interessa, isto é, meu marido." Aqui, talvez, a relação transferencial possa ter se solidificado suficientemente a ponto de me colocar na posição de analista, isto é, semblante de objeto *a*.

O presente trabalho não visa mostrar uma terapia finalizada. O que podemos observar, e este caso me parece um bom caso para demonstrar isso, é a sutil passagem das entrevistas preliminares à análise

